

# A ESALQ-USP E A GÊNESE DO “AGRONEGÓCIO”

Rodrigo Sarruge Molina<sup>1</sup>

Museu Luiz de Queiroz



Ditador Médici em visita à Esalq em 1971, acompanhado do general João B. Figueiredo (em segundo plano, de óculos escuros), então ministro-chefe do Gabinete Militar; do ministro Cyrne Lima (Agricultura); e do governador Laudo Natel

*Inaugurada em 1901 em Piracicaba, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz desempenhou papel crucial no apoio às políticas agrárias dos governos ditatoriais. Graças à intervenção do governo dos EUA, via USAID, e investimentos estatais brasileiros, a Esalq forneceu conhecimentos científicos e de extensão rural que contribuíram com a “modernização conservadora” do campo, modelo hoje conhecido como agronegócio — a produção agroindustrial capitalista baseada em latifúndios e monoculturas, destruição de biomas e intensa exploração dos trabalhadores rurais*

**A** Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (Esalq-USP) está localizada na cidade de Piracicaba. Trata-se de uma instituição idealizada em 1881 por iniciativa privada de um coletivo de burgueses organizados na “Brazilian Gentleman”, uma associação presidida pelo empresário Luiz de Queiroz. Esse empreendimento, após entrar em falência, foi estatizado pelo poder público paulista que inaugurou oficialmente, em 1901, a “Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz”, sob administração da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, para funcionar como uma escola de nível prático e secundário, o que conhecemos hoje como ensino médio técnico. No ano de fundação da Universidade de São Paulo, 1934, a escola deixou de ser administrada pela Secretaria da Agricultura e passou para o domínio da USP.

A seguir, faremos um salto histórico e iremos analisar a história da Esalq no contexto histórico da ditadura civil-militar de 1964 a 1985, um período histórico importante para gestar o agronegócio em nível nacional. A Esalq foi uma das bases desse processo de “modernização conservadora”, pois forneceu os conhecimentos científicos, educacionais e de extensão rural para a expansão da indústria no campo, ao mesmo tempo que foram mantidas as estruturas de origem colonial, como os latifúndios, a destruição dos biomas, o genocídio dos povos originários e a intensa exploração dos trabalhadores rurais.

Após o golpe civil-militar de 1º de abril de 1964, o Brasil passou a ser governado por uma aliança entre setores civis ligados ao capital internacional e as Forças Armadas, com o apoio de empresários e do governo dos Estados Unidos. Com o aumento das tensões da Guerra Fria na década de 1950 e após a Revolução Cubana de 1961, os Estados Unidos intensificaram sua intervenção na América Latina, promovendo uma série de golpes de Estado e governos ditatoriais.

Um dos focos dessas intervenções foi a Esalq, com significativa penetração da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) através de um acordo firmado em abril de 1963 e implementado em 1964, entre a *Ohio State University* (OSU) e a Esalq. O segundo item do acordo bilateral estipulava: “adaptar o ensino, a pesquisa e a educação do agricultor na Esalq ao modelo dos Land Grant Colleges norte-americanos” (Capdeville, 1991, p. 98).

Um dos principais objetivos do intercâmbio foi estabelecer um robusto programa de pós-graduação em Piracicaba. Com a injeção dos dólares da USAID e os cruzeiros da USP, foram adquiridos equipamentos de laboratório e outras facilidades (USP, 1964b). Em 1964, os agentes estadunidenses realizaram um estudo detalhado da situação agrícola do estado de São Paulo. Com base nessa análise, delinearão as seguintes diretrizes gerais para o intercâmbio: desenvolvimento de um projeto piloto para o estado de São Paulo; capacitação de supervisores de fomento; revisão dos currículos da escola, com destaque para o recém-criado curso superior em economia doméstica (1966); e atenção especial ao curso de sociologia rural e extensão (USP, 1965).

### **A USAID instalou escritório no câmpus da Esalq. Os norte-americanos queriam influenciar os brasileiros por meio de programas educacionais e científicos atrelados a seus interesses: o receituário de Washington para barrar o socialismo era alavancar o capitalismo nos países periféricos**

Um escritório dos representantes dos Estados Unidos foi estabelecido no câmpus de Piracicaba, visando a organização de atividades internas da USP, assim como um plano que ia além dos limites da “Luiz de Queiroz”, estabelecendo ligações com o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), instituições de ensino como a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (atualmente Universidade Federal de Viçosa), e, ainda, diversas divisões da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, além de fazendas, empresas e indústrias.

O grande objetivo dos estadunidenses era influenciar os brasileiros no aperfeiçoamento do sistema produtivo por meio de programas educacionais e científicos atrelados aos seus interesses, pois o receituário de Washington para barrar o avanço do socialismo era alavancar o capitalismo nos países periféricos, embora dependentes dos *yankees* nas diversas esferas, desde as econômicas até científicas (USAID/Esalq, 1964).

Para além dos estadunidenses, o Estado brasileiro desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da agroindústria brasileira, com o programa Proálcool sendo um exemplo de sucesso. Esses recursos foram direcionados principalmente para as ciências aplicadas, beneficiando diretamente os cursos de Agronomia, Engenharia Florestal, Economia Doméstica e pesquisas em Genética e Energia Nuclear.

Portanto, embora tenha ocorrido apoio financeiro de algumas empresas e a intervenção direta do governo dos Estados Unidos, no geral, a maioria das pesquisas foi sustentada pelo Estado brasileiro com recursos públicos. Esse processo resultou na privatização do Estado: o aparato “público” foi utilizado para beneficiar fazendeiros, empresários, financistas e industriais, com poucas exceções. Entre 1979 e 1982, aproximadamente 80% das pesquisas da “Luiz de Queiroz” foram financiadas com recursos públicos estatais do Brasil. Portanto, pode-se concluir que, sem o apoio do Estado e suas agências de financiamento de educação e ciência, o agronegócio como o conhecemos hoje não existiria (Molina & Sanfelice, 2018).

Essa influência da ditadura também se manifestava nas cerimônias de formatura da escola, que eram tradicionalmente frequentadas pelas elites brasileiras, especialmente a classe ruralista. Esse relacionamento entre ditadores, agricultores e acadêmicos é compreensível, pois, segundo Octavio Ianni (1979), entre os brasileiros a classe média foi a única que recebeu algum tipo de recompensa financeira da ditadura em troca de seu apoio ao golpe de 1964 e à sustentação política durante os 21 anos de governo (Ianni, 1979, p. 26).

**A comitiva de Geisel incluía 16 pessoas, que se reuniram para um banquete na residência do diretor Galli. A casa oficial do diretor da Esalq era uma grande mansão dentro do câmpus, servida por vários empregados. Uma espécie de “Palácio da Alvorada” da USP de Piracicaba**

Em 1971, o ditador Emílio Garrastazu Médici foi convidado pelos alunos da Esalq para ser o paraninfo da turma de agronomia, um evento amplamente divulgado pela imprensa da época como uma estratégia de propaganda do regime (*Jornal de Piracicaba*, 1971). Durante sua visita o general Médici aproveitou para inspecionar o Centro de Energia Nuclear na Agricultura, o Departamento de Genética e o Departamento de Silvicultura, sendo recebido por centenas de estudantes, dos quais 13 vestiam camisas do Projeto Rondon e exibiam faixas com mensagens como “Obrigado, Presidente da Juventude” (*Estadão*, 1971).

Outro visitante da Esalq foi o general Ernesto Geisel, então presidente da Petrobrás, que esteve no câmpus de Piracicaba em 19 de dezembro de 1973. A comitiva técnica de Geisel — que em março de 1974, após eleição indireta, viria a assumir a presidência do país — incluía 16 homens, entre políticos, militares e acadêmicos, que se reuniram para um banquete na residência do diretor Galli. A casa oficial do diretor era uma grande mansão dentro do câmpus, servida por vários empregados, funcionando como uma espécie de “Palácio da Alvorada” da USP de Piracicaba. Além de ser a residência do diretor e sua família, a mansão também abrigava diversas atividades acadêmicas e políticas (*Diário*, 1973).

Nessa ocasião, o secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Araujo Dias, afirmou para a imprensa que o objetivo da Esalq era formar profissionais da agricultura preparados para desempenhar funções no Brasil arcaico e no Brasil moderno, ou seja, preparar técnicos especializados para atuar na região centro-sul (a parte rica e moderna do Brasil, com máquinas e outros insumos) e capatazes “tradicionais” para trabalhar nas regiões “hostis” e pobres — como a Amazônia (*Jornal de Piracicaba*, 1973). Durante a visita de Geisel, foi organizada uma inspeção na pós-graduação, um dos principais alvos de investimentos do regime na Esalq. A visita focou os departamentos de Silvicultura, onde recebeu explicações sobre Engenharia Florestal; o Departamento Técnico Rural, onde conheceu as pesquisas relacionadas ao açúcar e ao álcool; o Departamento de Genética e o Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA). Nesses programas de pós-graduação e institutos de pesquisa dentro da Esalq, os esforços se concentravam na formação de mestres e doutores com o objetivo de aumentar a produção científica, visando resolver problemas

específicos do país, o que era essencial para o crescimento econômico das empresas agrícolas nacionais e multinacionais instaladas no Brasil e alimentar novas universidades e institutos estatais, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), fundada em 1973, que enfrentava uma escassez de mão de obra qualificada. Na época, de seus 830 pesquisadores, apenas 17% tinham pós-graduação (Demétrio; Vieira, 2004, p. 25).

## **A parceria entre a Esalq e os EUA formou muitos dos pesquisadores hoje ligados ao agronegócio. O objetivo era alinhar os brasileiros com a “Revolução Verde” e promover a modernização capitalista no campo, em especial quanto à extensão rural, como ocorreu no Cerrado brasileiro**

A seguir, traremos alguns exemplos da articulação das pesquisas da Esalq com o sistema produtivo agrícola da época, o que potencializou o agronegócio. Nessa época, a genética se destacou, como foi o desenvolvimento do “Super Milho-Centramex”, uma variedade de milho sintético que poderia ser cultivada repetidamente sem perda de produtividade e era mais resistente a doenças, aumentando a produtividade de todos os produtores agrícolas e reduzindo a necessidade de apoio agrônomo. As pesquisas beneficiavam diretamente milhares de empresas, famílias produtoras e cooperadas, que recebiam as sementes geneticamente modificadas e assistência técnica de estudantes e professores para sua aplicação no campo. (*Jornal de Piracicaba*, 1971).

Em 1966, foi inaugurado o Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA) no *câmpus* da USP de Piracicaba, compreendendo uma área de 9.800 m<sup>2</sup>. Os principais projetos de pesquisa focaram no desenvolvimento da agroindústria, realizando experimentos em culturas como soja, café, trigo, cana-de-açúcar e eucalipto. Essas pesquisas faziam parte do convênio internacional “Projeto BRA/71/556”, que funcionou no CENA até 1991. Era o único escritório da Agência Internacional de Energia

Atômica na América Latina que atuava fora das embaixadas (Leão, 1997, p. 87).

É importante reportar nesse breve artigo a presença da ideologia do “capital humano” que permeou toda a Esalq nesse período, exemplificada pelo curso de Economia Doméstica, inaugurado em 1967 com a ajuda de técnicos da USAID. No geral, o objetivo do curso era aplicar conhecimentos de ciência, tecnologia e arte para orientar as famílias brasileiras na “utilização racional de recursos materiais e humanos, buscando seu desenvolvimento harmônico num contexto físico, social, econômico e cultural”. O principal público do curso era do sexo feminino e um dos focos era a educação do consumidor (Campos, 1984, p. 34).

Paralelamente ao curso de Economia Doméstica, à ideologia do capital humano, à reforma universitária e ao pensamento conservador, a ditadura instituiu a “lei do boi” por meio do Decreto 5.465, de 3 de julho de 1968, que estabeleceu cotas nos cursos de agronomia para os filhos da classe ruralista. Essa lei destinou 50% das vagas nas instituições de ensino médio e superior da área de agricultura e veterinária, mantidos pela União, aos filhos do “Agro”<sup>2</sup> (Almeida, 2010).

Nessa perspectiva do agronegócio, foi criado na Esalq em 1970 o “Centro de Pesquisa em Economia Agrícola”, transformado em 1982 no “Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada” (Cepea) como parte do Departamento de Economia, Administração e Sociologia. Os primeiros financiadores que contrataram pesquisas no centro foram órgãos públicos como a Secretaria de Indústria e Comércio de São Paulo, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O principal financiador internacional foi o Banco Mundial, sob a liderança dos Estados Unidos. O Cepea é famoso nacionalmente por realizar pesquisas diárias sobre produtos agropecuários e seus derivados, visando a elaboração de indicadores de preços de produtos, insumos e serviços do mercado rural. Esses indicadores são referência para a Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) e para as publicações da Agência Estado (Grupo Estado), especializada em informações para o mercado financeiro. “Desde fevereiro de 1999, o Cepea está sediado no prédio construído ao lado do Pavilhão





Agentes da USAID na Esalq com suas famílias. Imagem sem data, disponível no Museu Luiz de Queiroz

de Engenharia da Esalq. A BM&F foi a principal patrocinadora desta obra, com contribuições significativas da Fapesp e do CNPq para o financiamento da estrutura física interna” (Cepea, 2016).

Caminhando para o fim desse breve texto, procuramos sintetizar a importância da Esalq para alavancar o processo de modernização conservadora do campo brasileiro e do famigerado agronegócio. Pudemos constatar em diversas pesquisas (Molina, 2022) que a Esalq desempenhou um papel importante ao fornecer conhecimento técnico para atender às demandas da economia nacional, que se desenvolvia com a crescente subordinação da agricultura à indústria. Assim, a instituição respondeu às determinações dos governos militarizados e do setor empresarial, formando profissionais para atuar nas áreas de educação, pesquisa científica e extensão rural e no mercado agroindustrial. Importante relembrar a presença dos Estados Unidos por meio da USAID, quando colocou Piracicaba em conexão orgânica

com a Universidade Estadual de Ohio (OSU), uma das instituições mais conservadoras dos Estados Unidos, especialmente na área de Ciências Sociais. É sabido que essa parceria entre a Esalq e o governo americano formou muitos dos pesquisadores que hoje estão ligados ao agronegócio. O objetivo era alinhar os pesquisadores brasileiros com a “Revolução Verde”, ou seja: preparar indivíduos para aceitar e promover a modernização capitalista no campo, especialmente do ponto de vista da extensão rural, como ocorreu no Cerrado brasileiro (Molina & Sanfelice, 2018).

Entre 1966 e 1980, a ditadura e a Esalq deram prioridade a encontros, congressos, palestras, simpósios, seminários e outras reuniões acadêmicas focadas na genética aplicada à agroindústria. Isso incluía a mutação genética de sementes, milho, soja, trigo e galinhas; tecnologias rurais, como a produção de açúcar, álcool e conservação de alimentos; e áreas como economia, sociologia e ciências sociais aplicadas, com o objetivo de

intervir na extensão rural e desenvolver a agroindústria. Também se dedicaram à administração de fazendas e complexos produtivos, ensino e pesquisa em ciências agrícolas e zootecnia, aplicando conhecimentos agrônômicos para a produção de animais e seus derivados, como na indústria de carnes (Molina & Sanfelice, 2018).

Apesar do uso de coerção física, a ditadura conseguiu, em muitos momentos, obter um considerável apoio de amplos setores civis das classes médias. Isso foi observado na Esalq, onde generais como Médici e Geisel eram homenageados pelos acadêmicos. O regime alcançou

esse apoio ao proporcionar benefícios, oportunidades de trabalho e a promessa de um “Brasil Potência”. Essas aspirações se concretizaram nas novas áreas de expansão agrícola nas regiões Centro-Oeste e Norte, mesmo que esse processo tenha sido violento e conservador, pois a promoção do agronegócio moderno perpetuou elementos de “atraso” da nossa sociedade, como a eliminação física das oposições políticas, o genocídio de camponeses, quilombolas e indígenas, além da manutenção e reprodução de uma estrutura agrária desigual, herdada dos tempos do Brasil colônia (Molina & Sanfelice, 2018).

---

## Referências

- ALMEIDA, S.M.L. Acesso à educação superior no Brasil: direito ou privilégio? *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 38, p. 169-185, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art13\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art13_38.pdf)>. Acesso em 1º/1/2016.
- CAMPOS, P.M. Economia doméstica. *Revista do Centro Acadêmico “Luiz de Queiroz”*, São Paulo, 1984.
- CAPDEVILLE, G. *O ensino superior agrícola no Brasil*. Viçosa: Imprensa Universitária (UFV), 1991.
- CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA). *Portal*. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br>>. Acesso em 25/4/2016.
- DEMÉTRIO, C.G.B.; VIEIRA, M.L.C. *A pós-graduação na Esalq: 40 anos de história*. Ribeirão Preto: A. S. Pinto, 2004.
- IANNI, O. *Ditadura e agricultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- LEÃO, R.M. *Trinta anos em CENA*. São Paulo: Edusp, 1997.
- MOLINA, R. S., & SANFELICE, J. L. (2018). Ditadura e educação agrícola: a Esalq/USP e a “gênese” do agronegócio brasileiro. *Educação & Sociedade*, 39, 321-341.
- MOLINA, R.S. *Agro, ditadura e universidade: Esalq-USP e a modernização conservadora (1964 a 1985)*. Autores Associados, 2022.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Documento oficial da USP sob matrícula 50.063/1964*. Piracicaba, 1964a.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Documento oficial da USP sob matrícula 88.1.112.118*. Piracicaba, 1964b.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Documento oficial da USP sob matrícula 65.1.8788.1.0*. Piracicaba, 1965.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Documento oficial da USP sob matrícula 68.1.55287.11.4*. Piracicaba, 1968.
- USAID/ESALQ. “Relatório semestral entre a United States Agency for International Development – Ohio State University e a Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’”. Documento sob matrícula 65.1.8788.1.0, caixa 2.868. Piracicaba, 1964.

## Periódicos consultados

- Diário de S.Paulo*, São Paulo, edição de 21/12/1973. Arquivo do Museu “Luiz de Queiroz” (Esalq).
- Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, edições de 29/7/1971 e 21/12/1973. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP).
- O Estado de S. Paulo*, São Paulo, edição de 31/7/1971. Arquivo do Museu “Luiz de Queiroz” (Esalq).

## Notas

- 1 Professor do DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, POLÍTICA E SOCIEDADE DO CENTRO DE EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
- 2 Revogada no governo Sarney pela lei 7.423/1985.